

SÉRGIO SANT'ANNA

O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro

Contos



Copyright © 2014 by Sérgio Sant'Anna

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Christiano Menezes/ Retina_78

Foto de capa

<completar>

Revisão

Valquíria Della Pozza

Márcia Moura

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sant'Anna, Sérgio

O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro : contos /
Sérgio Sant'Anna — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras,
2014.

ISBN 978-85-359-2501-2

1. Contos brasileiros I. Título.

14-09859

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.93

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

- Uma página em branco, 7
- Cenários, 12
- Dueto, 23
- Lusco-fusco, 36
- O recorde, 39
- Na boca do túnel, 59
- Almoço de confraternização, 90
- O submarino alemão, 100
- Projeto para a construção de uma casa, 121
- O sexo não é uma coisa tão natural, 157
- O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro, 164
- Conto (*Não conto*), 212

Uma página em branco

Uma página em branco a oferecer todas as possibilidades, o papel aceita tudo. A angústia por haver todas essas possibilidades, não se toca ainda coisa alguma. Então escolher uma entre as possibilidades, o que traça um limite. Escrever é traçar um limite. Escolhe-se uma primeira letra, U; uma primeira palavra, UMA; uma primeira frase, título: UMA PÁGINA EM BRANCO.

Como se escolhe uma camisa, um filme, um itinerário de viagem, um partido político, incorpora-se um destino. Como se escolhe uma entre as mulheres possíveis e com ela se irá gastar os melhores anos da vida.

Pronto, está escolhido, tipos negros mancham agora uma página branca, comprometida, é só seguir o fio. Mas, que fio?

Está-se aqui, sozinho, sentado à mesa e colocou-se na máquina uma página em branco com todas as possibilidades possíveis. Como, lá fora, um universo cheio de vidas escolhíveis. Então que se encarne numa dessas vidas, vias, fios. Que se ponha lá entre as vozes, os gritos, os risos. Fazer o percurso das ruas, artérias, os bares, as favelas, a prostituição, os rituais, os crimes. Ou,

quem sabe? — apenas permanecer numa casa, caixa, onde no quarto durmam crianças, no fogão haja um resto de comida e, na cama, esperando, certa mulherzinha.

De qualquer modo é preciso que entre os dedos, a mente, as teclas não se interponham mais do que uma membrana, um cordão líquido, umbigo. E, escorregando, outras palavras negras avancem mais na floresta do branco, teçam lá dentro o tal fio.

Um livro que, dentro de nós, já poderá estar escrito. Como se cada homem já nascesse com seu próprio livro.

Deixar pois o itinerário a este acaso necessário, predestinado. Que a mulher, a viagem, a estória e a História de certo modo o escolham, ao invés de serem escolhidas. Livrem-no de escolher por si mesmo entre todas as hipóteses do possível. E libertem-no de qualquer possibilidade porventura escolhida.

Apropriar-se deste espaço, então, que já era o seu espaço, circunscrevê-lo como quem engaiola um pássaro, ou como um arquiteto que começa a erguer a casa que há muito, dentro de si, inconscientemente, preexistia. Ou como se prende entre as pernas a mulher que já se entrevira. Põe-se o gemido, o amor, onde antes era o oco, o desejo.

Prender esta mulher por instantes, atravessá-la, fazer-lhe um filho, apressar-lhe o processo da morte, que de qualquer modo seguiria. E são assim os gestos percorridos: rompem o branco das páginas, aprisionam o vazio. Cometer um incesto, um poema e, ainda que no papel, um crime.

Mas será a vida um espaço articulado? E os atos, limitam-na ou ampliam-na? Talvez nada possa ser melhorado. Arte alguma criar melhor que o mundo. E se há limites, são os nossos próprios limites. Então escrever, talvez, a palavra mínima, que não encerra o vivido e antes o abre para o infinito.

E olha-se agora, em torno, e vê-se que também ao espaço além da página, à parede, ao quarto, houve a necessidade de

acrescentar cartazes, enfeites, uma esteira com retratos pregados, mostrando aquilo com que se iludiu o correr da vida. Ao tijolo se acrescentou cimento, que depois se pintou de branco, para de novo introduzir as cores. No lote vago se cortou o mato e depois ergueu o prédio e agora, no quarto de apartamento, vasos pendem dos ganchos. Plantas caem do delimitado, como se a fingir que a natureza também aí se encontra, mentira. Quando é lá fora que corre a vida sem qualquer limite.

Na fumaça dos cigarros, no veneno desses projetos de livro, as plantas sentem, e murcham. E o que sobra é um quarto com cartazes, enfeites, um monte de folhas borradadas, rascunhos. E uma estante cheia de livros. Quantas histórias já terão sido escritas? Apesar da sensação em contrário, um mínimo das histórias possíveis.

Através deles, os pacotinhos impressos, de capas coloridas, acumulou-se um simulacro de vida e agora, pensa-se, se está afinal preparado para preencher o próprio espaço, página branca, seu livro, seguir o fio.

Uma gota de suor pinga agora do rosto sobre a página e é este, talvez, o melhor recado o que mais verdadeiramente sai do corpo: uma gota de suor que é a letra impressa da dúvida, impotência, desespero. E que pinga sobre estas primeiras duas páginas e tanto, a respeito de uma página branca, o que não é dizer coisa alguma. Como depois de algum tempo, talvez, nada signifiquem o itinerário da viagem, o partido político, a mulher escolhida. Depois do amor, o tédio, o ronco, o olhar mesquinho. Depois da vitória do partido, o guerrilheiro engordando atrás de uma escrivaninha.

Rasgar então a página, cancelar o compromisso, abandonar o partido? Com esta mulher, este livro, se desperdiçariam meses, anos de vida. Mas pode haver de verdade desperdício? Quantos projetos de livros foram assim para a lata de lixo, iguais aos filhos

abortados ou simplesmente não concebidos? Muitos monstros possíveis, certo: um vampiro, um ditador, um personagem postiço. Mas com certeza algum aventureiro, uma bela mulher, um santo, um poeta maldito. Enredos possíveis de uma vida, um livro. Um livro de enredos, um livro de textos.

E de que vale rasgar as três páginas a respeito de uma página em branco? Nada existe a ser destruído. Existirão bilhões de outras páginas, com todas as possibilidades possíveis.

Deixa estar, pois, as folhas brancas — ou estas três páginas e pouco — e rasga apenas antigos rascunhos, os cartazes, os retratos, o passado. Retire os vasos, devolva a terra para onde houver mais terra e germine. E, quanto aos livros, não cometa o ato imbecil de queimá-los, atirá-los pela janela.

Seja prático, leve-os ao Sebo, venda-os por qualquer preço e depois, com o dinheiro, toma um porre. As loucuras e fantasias que passarem pela cabeça durante esse estado serão como fluidos, resumos, de todos estes livros. Como histórias que deles houvessem saído, para fazer um livro novo, um só livro, um livro de textos.

E quando se chegar em casa, não se terá mais nenhum livro. Há somente a cadeira e a mesa, a máquina, num quarto de paredes nuas, dentro do qual se tateia, se pensa, este livro.

Esta ideia de livro, que se avalia, nestas três páginas e meia, que não cumprem sozinhas função alguma. Nesta terceira tentação e meia, de rasgá-las, voltar ao branco de possibilidades não escolhidas, infinitas, não há limites, agonia. Voltar ao zero, ao antes, todas as mulheres, partido, viagens, histórias possíveis.

E quando se acordar, de ressaca, e se perceber que não há na casa mulher, planta, retratos, cartazes ou livro e começar-se a se arrepender com tal pobreza, consola-se com o irremediável, saber que seguir para trás é impossível.

Restarão ainda no quarto a máquina, a mesa, a cadeira, as

quatro páginas e pouco, a respeito da página branca, coisa nenhuma.

Então é preciso seguir o fio. Renovar a frase com outra frase, o amor com um beijo novo, apenas depurar o partido. Ganhar um páreo com um cavalo que na largada quase havia caído.

Mas, ainda, que fio?

E por que não um livro com várias possibilidades, vários fios? Como se o cavalo, recuperado no páreo, galopasse em muitas pistas, destinos.

Um livro de textos, vários livros, vários fios.

Cenários

Um fio d'água caindo de um esgoto sobre um córrego da Baixada cheio de bolhas pestilentas, onde um rato passeia sobre um cadáver algemado e degolado cuja cabeça, com cabelos soltos, lisos e grossos, de índio amestiçado, pertencendo a um desses homens que perderam sua raça e não encontraram outra — e por isso, talvez, buscava a si próprio nos crimes —, pende ela do corpo também apenas por um fio, boiando numa correnteza quase imperceptível e à espera de que, com o calor e o roer do rato, possa desprender-se do corpo e descer rolando, vagarosamente, esse arremedo de rio, encalhando aqui, soltando-se novamente ali, como a última marca de um homem cuja falta nunca será sentida, devorado até a última migalha pelos vermes e, mais adiante, pelos peixes que resistiram a tanto lixo, mas que persiste, ainda, esse homem, como se quisesse fazer valer até o fim sua presença, em desprender do crânio durante as noites de lua um fogo-fátuo, diante do qual as pessoas se benzem e fogem espavoridas?

Não, não é bem isso.

* * *

Numa cidade do interior, perto das montanhas, a casa de um poeta ascético que escreve a lápis poemas descarnados e tomando como tema a ondulação dos próprios morros, o espaço entre eles, a chuva, os animais e os homens que ali vivem? Um poeta magro, já um pouco envelhecido, os dentes manchados de nicotina e que olha agora da janela uma chuva de gotas grossas a cair ritmicamente sobre um telhado de zinco, e ele, o poeta, com o lápis na mão suspensa hesita em manchar com qualquer palavra esse momento branco na tarde cinza?

Quando, de repente, escuta-se tocar um sininho e ele vai abrir a porta e vê diante de si uma adolescente de cabelos compridos a baterem abaixo dos ombros queimados de sol sob um leve vestido branco em que a chuva marcou a ponta dos seios? E que afasta com naturalidade o poeta do seu caminho, deposita no chão uma sacola enlameada de uma viagem desde muito longe e depois, tremendo ainda de frio, arranca pela cabeça o vestido e durante um pequeno instante o poeta a vê assim, com o vestido a cobrir o rosto, antes de sair pelo pescoço alongado, que vai dar num colo em que se agitam dois seios durinhos e, mais embaixo, uma cintura, o umbigo e um sexo ligeiramente entreaberto em penugens, quando ela logo depois aconchega-se a ele e diz: “Toma, sou tua”?

Não, não é bem isso.

Um apartamento de fundos, na Zona Norte, talvez perto da praça Saenz Peña, com um cheiro característico que não é bem de mofo, porque não há mofo, e antes parece vir de vestidos guardados no armário, talvez com naftalina? Ou talvez um cheiro que apenas se imagina, por causa de um sofá forrado com

plástico; por causa de plantas que jamais recebem o sol; por causa de caixas de sapato com joias falsas e velhas cartas; por causa da solidão; por causa de um retrato antigo na parede mostrando um homem de terno escuro e bigode e que agora nada tem a ver com isso? Um apartamento onde, agora que as luzes se apagaram, baratas arriscam-se a sair de sob a geladeira para lambiscar um biscoito que a mulher velha comeu apenas pela metade de puro fastio e foi tomar na banheira um banho de sais e espuma, para depois perfumar-se diante do espelho, ajeitar o cabelo ralo, escorrido, e depois vestir uma camisola negra e deitar-se? E ali, na cama antiga, de madeira trabalhada, abrir os braços para, como se vindo por encanto, de parte nenhuma, surgir sinuoso um gato branco e aninhar-se voluptuosamente em seus braços?

Não, não é bem isso.

Uma garotinha de oito anos tão ajuizada que os pais a deixaram sozinha em casa e foram ao cinema, sabendo que ela iria preparar o uniforme da escola para o dia seguinte e depois beber um copo de leite, ajustar o despertador e — cumprindo a promessa de não ver televisão para não excitar-se — ir para a cama onde começa imediatamente a ouvir ruídos que parecem vir de dentro de casa e, em vez de fechar o armário onde flutuam vultos de pessoas muito ruins, cobre-se até a cabeça e está com tanto medo que escapa numa fração de segundo para um sono onde pode ser que sonhe que é dia do seu aniversário e ela ganhou uma bicicleta de presente?

Não, não é bem isso.

Balcões de fórmica e vidro, guardando lá dentro, expostos como em vitrines, empadas, pastéis envelhecidos, salsichas e lin-

guiças boiando no molho, ovinhos de codorna, peles de porco, torresmo? E sobre o balcão um cálice contendo um restinho de cachaça? Tudo isso enquadrado, por exemplo, num retângulo mágico, cinematográfico: nacos de carne sebenta nadando na gordura e, passeando na face externa do vidro, moscas, muitas delas? Essas moscas em primeiro plano, como se pousadas na própria tela, então, da moviola? E um cineasta que mixa, agora, um fundo sonoro que é apenas o zumbir e esvoaçar — intensificados, distorcidos — dessas moscas? E que poderá levar o espectador a um medo vago, indefinível e à náusea?

Não, não é bem isso.

Uma vitrine sofisticada, na Quinta Avenida, em Nova York, onde um casal de manequins vivos, humanos, compõe um ambiente em que a mesa do jantar está posta e eles degustam muito lentamente um peru assado e vinho tinto, enquanto lá fora, sob a neve, na antevéspera do Ano-Novo, vagabundos se amontoam contra o vidro da vitrine, hipnotizados pelo clarão crepitante da lareira, ao som de um violino tristíssimo, melodramático, que um mendigo cego toca mais adiante e que se interrompe bruscamente no momento exato em que o frio gelou uma lágrima nos olhos de um estrangeiro que a tudo acompanha a uma distância ceremoniosa e que agora aplaude, sobriamente, quando a porta de ferro é descida, para fechar a vitrine e a loja e dispersar os vagabundos como se tudo não passasse do final melancólico de um espetáculo de terceira categoria num teatro?

Não, não é bem isso.

Uma outra loja, agora, numa capital provinciana da América do Sul, em cuja porta um homem sobre duas imensas pernas

de pau e trajando calça vermelha, casaca florida e uma cartola anuncia ao megafone a liquidação total do estoque da casa?

Enquanto lá dentro, junto aos balcões, num vozerio que se mistura ao som do megafone, freguesas se empurram, disputando as peças: sutiãs, calcinhas, roupas de banho masculinas e femininas, meias, jeans falsificados, camisetas com inscrições diversas?

O momento captado em que sai da loja um crioulo sem dentes, calçado com sandálias havaianas e usando uma camiseta que acabou de comprar e onde se lê: UNIVERSITY OF CALIFORNIA?

Não, não é bem isso.

E uma casa, depois, no final da tarde, onde o mesmo homem da perna de pau acabou de chegar num desses ônibus que rangem por ruas recém-abertas nos subúrbios?

Acompanhá-lo, então, nesse instante em que ele abre a porta e deposita junto ao armário o megafone e as pernas de pau, que trazia sob os braços, para depois beijar a mulher e os filhos?

Brincará ele com os filhos? — é um pensamento que nos passa; ensinará a eles os segredos da profissão?

E presidirá ele solenemente, à cabeceira, a mesa do jantar, ainda vestido com as roupas do trabalho, inclusive a cartola?

Não, não é bem isso.

Um espião da madrugada, *voyeur* insone que, de binóculos em seu apartamento, aguarda os retardatários da noite, os casais de bêbados, certo de que assistirá, no mínimo, a uma cena como esta:

Um homem trajado a rigor, por causa de uma *première* de

teatro, e uma mulher loura de vestido longo, muito branca? E pela posição de ambos, um em cada canto do quarto, e ainda pelos gestos, saber-se-á que discutem? E imaginar-se-á que discutem por causa dos vapores da noite, quando ele, embriagado, terá dito coisas ao ouvido de outra mulher? E que ela, só por vingança, se terá deixado apertar por um desconhecido quando dançavam na boate em que estavam?

— Cafajeste! — estará ela gritando?

— Puta! — dirá ele por sua vez antes de dar-lhe uma bofetada que a joga sobre a cama onde ela cai em desalinho, o vestido levantado até as coxas? E, desvencilhando-se rápido daquelas suas calças justas de homem fútil da noite, atira-se ele sobre ela, que, enraivecida, em vez de se defender com socos se deixa posuir sem um gesto, os braços e as pernas abertas, ofendendo-o assim, como se fosse mesmo uma puta?

E ele, o *voyeur* insone lá de cima, trêmulo com seus binóculos, o coração disparado na taquicardia, não estará certo ao apostar que eles gozam muito desse modo, que é o modo de todos eles três, reis da noite, os que fazem o espetáculo no apartamento mais abaixo, e ele que tudo observa em seu camarote, entusiasmado?

Não, não é bem isso.

E sim um outro palco; desta vez um palco mesmo, de verdade, mas desrido, porque o diretor da peça queria justamente isso, um palco que fosse apenas palco, do qual se teve o cuidado de retirar primeiro uma árvore seca e um sol de papel, que eram as duas únicas peças do cenário, e depois as cortinas, interruptores e até mesmo escadas e baldes, uma vassoura, que ficavam atrás de um outro pano no fundo de tudo e que também foi, este pano, retirado? De maneira que o que subsiste na obscuridade

é um fundo fundo, e a luz que um projetor joga agora naquele espaço é apenas suficiente para iluminar, como se pairassem, destacados, sem solo ou cercanias, dois atores que, vestidos em andrajos, entraram em cena sem que ninguém percebesse e recitam então as primeiras falas de um texto de Samuel Beckett?

Não, não é bem isso.

Uma galeria em Copacabana onde numa sexta-feira à noite bêbados, traficantes, prostitutas, bichas, policiais, bandidos confraternizam numa tremenda zorra, elevando suas vozes para contraporem-se aos ruídos que vêm da própria galeria e dos prédios vizinhos; ruídos também dos carros e motocicletas que passam sem interrupção; buzinas que de repente atroam para alguém que quase foi morto ao pisar uma esquina — uma confraternização que a qualquer momento pode dar lugar ao assassinato? E ali, naquela galeria, o cinema acanhado, uma pequena sala de espera com uma escada para baixo, onde numa sala de projeção subterrânea nem o gerente ou o porteiro se deram conta de que o último espectador já foi embora há muito e desenrola-se para ninguém um filme japonês premiado em festival e programado para uma única sessão, à meia-noite, e que mostra agora na tela um menino e um velho, avô e neto? E que depois de uma longa doença o velho vai morrer e o menino o levou para uma colina onde desliza entre as pedras um fio d'água, executando uma sinfonia harmônica na combinação de som e silêncio no percurso dos vazios naturais entre as pedras, a terra e o mato? E quando o menino se inclina para perguntar no ouvido do avô, mais para seu próprio consolo, se existe qualquer coisa além da morte, o velho nada responde e simplesmente sua cabeça pende para o lado, morta, e então o menino desce para casa e, no entanto, persiste ainda na tela para os olhos

de ninguém, de nenhum dos dois personagens, uma última cena que é ainda aquele curso d'água que desce entre as pedras e o mato, numa composição de sol e sombra que se projeta numa tela para a sala deserta, como se também ali a paisagem subsistisse na ausência ou morte?

Não, não é bem isso.

Uma cela de triagem num distrito policial onde um garoto, depois de ter cometido seu primeiro assalto, foi jogado durante a madrugada e está de pé entre corpos deitados e procura não fazer nenhum ruído para não acordar nenhum daqueles homens, pois quer para si um intervalo em que possa preparar-se para o dia seguinte, quando sabe que o examinarão com os olhos e provavelmente o disputarão no braço e isso é uma coisa que ele nunca poderá aceitar e, apesar de frágil ali entre outros muito mais brutos, concentra-se para lutar até a morte, mas em sua cabeça teima em vir a recordação de quando ele era ainda muito mais garoto e viu pela primeira vez matar um porco e ele então soubera que uma vida, às vezes, era extremamente difícil de se extinguir, entre grunhidos apavorantes e um debater-se convulso de músculos e nervos num animal preso por todas as pernas, como se fosse explodir, arrebentar por dentro, tanto é que seu corpo tremia ainda depois de morto e ele, o garoto, soube logo em algum ponto dentro de si que nunca mais poderia ser o mesmo conhecendo esse segredo de que no caminho de qualquer coisa viva de repente poderiam abater-se a tragédia e a dor, não importando fosse a gente um porco ou um homem e que agora chegara para ele esse momento?

Não, não é bem isso.

Então uma dor, agora, vista e sentida não mais de fora e sim por dentro, como se aquele porco nos prestasse seu depoimento que talvez fosse semelhante ao de um homem, por exemplo, a quem se tortura com um instrumento cortante sobre uma chaga viva e a dor é tão intensa que ele se surpreende como uma dor pode ser tanta e percebe pela primeira vez a exatidão da expressão “dor aguda” e, ainda assim, com a capacidade infinita que possuem os homens de se superarem e expandirem nos piores momentos ele sevê a pensar, enquanto se reforça e grita, que também só agora comprehende toda a extensão do que é estar vivo e “ser” humano: uma espécie de nervo?

Não, não é bem isso.

Mas algo, agora, bem mais quieto e manso e, no entanto, de uma melancolia tão profunda, que porém não se afirma ou explica e é mesmo muito bonita e, entretanto, apenas isto: um balcão de lanchonete numa madrugada americana de 1942 entrevisto de fora, através de um vidro, e onde se percebe, em primeiro plano, um homem sentado de costas para a rua, vestido de terno e chapéu e que, silencioso, concentra-se na comida ou bebida que está diante de si e que não podemos ver, como vemos, por exemplo, à direita, no espaço interior do balcão, um homem de uns cinquenta anos vestido num uniforme branco de balconista, inclinado para lavar na pia algum copo ou prato que também não vemos, como podemos ver, por exemplo, um casal do outro lado, este sim, quase de frente, na parte esquerda do quadro, porque estamos é diante da reprodução de um quadro, e que apenas olha fixo, em frente, esse casal, tipicamente americano, um homem de trinta anos aparentes, também de chapéu e terno, e a mulher, loura naturalmente, e não se falam ou tocam, como se tudo já fora gasto nessa noite e apenas estão ali, eles

quatro, madrugadores, boêmios (*Nighthawks*), vistos algum dia pelo pintor Edward Hopper, uma espécie de realista ortodoxo, e, entretanto, talvez por isso mesmo, o que acaba por saltar dessa realidade é uma matéria de sonho e um sentimento que se nos passa e temos quase vergonha de chamar pelo nome tão comum — solidão — e que vem principalmente desse silêncio visto num quadro e das pessoas imóveis e também das cores que o pintor num dia qualquer deve ter perguntado a si mesmo, misturando as tintas: qual seria a tonalidade justa para uma rua completamente deserta iluminada apenas pela luz de uma lanchonete onde quatro pessoas cumprem os ritos vagarosos de uma pequena refeição e dos pensamentos incomunicáveis, quase

solenes, daqueles que, mesmo próximos uns dos outros, estão absolutamente consigo mesmos?

Não, não é bem isso.

E sim, talvez, finalmente, um outro homem sozinho em seu apartamento e que procura escrever nesta noite um texto, buscando palavras para cenários talvez por palavras indizíveis, mas como se sua tarefa fosse esta, buscar o impossível, mostrar uma realidade que escapa das nossas mãos como um sapo e sempre se coloca mais adiante; a realidade, por exemplo, que existe num quarto quando ninguém se encontra dentro e, entretanto, uma atmosfera qualquer, como um raio de sol a penetrar oblíquo naquele espaço e atingindo em cheio algo tão singelo como uma meia esquecida no chão? E lembra-se este homem que escreve, agora, de um quadro que viu há muito tempo em Chicago, do qual saltava esta melancolia de uma rua na madrugada e quatro solitários lá dentro de uma lanchonete chamada Phillies e, no dia seguinte, com a obstinação dos maníacos corre à Livraria Leonardo da Vinci num subsolo da avenida Rio Branco, no Rio

de Janeiro, e lá, suando, como se estivesse à beira de encontrar a resposta para algo muito importante, revira o balcão de livros de arte norte-americanos e acaba por achar num deles a reprodução desse quadro de Edward Hopper, mas infelizmente em preto e branco, quando ele sabe muito bem que aquela sensação que teve ao ver o quadro vinha sobretudo das cores, algum tom azulado, mistura da cor da noite com o prateado da luz; esse tom que deverá existir no original e que é precisamente o que este escritor busca para si e que se encontra sempre mais além, talvez porque não caiba em palavras, e sim nas obras dos pintores raros que conseguiram captar o tal momento, o tal cenário, a tal cor, que é aquilo que estamos sempre desejando para as palavras, escrevendo, para logo depois saber que não, não é bem isso.